

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2360

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 1923

# A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento se-  
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-  
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses  
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

## A liberdade de ensino religioso nas escolas e o Congresso Pedagógico

Dissemos há dias, quando nos referimos à realização do Congresso Pedagógico, que nos admirava bastante não termos incluídos na ordem dos trabalhos os últimos acontecimentos de carácter educativo. Não fazia sentido que, num país onde o professorado nas suas magnas reuniões sempre tem mostrado interesse pelas fórmulas mais modernas de ensino, passasse em julgado o caso da liberdade de ensino religioso nas escolas particulares, concedida há pouco tempo pelos governantes da actual situação política.

Mas se não houve da parte dos promotores do Congresso o cuidado de incluir este momentoso assunto na ordem dos trabalhos, não deixou de haver, entretanto, uma voz que erguesse o seu protesto contra o acto anti-pedagógico que foi a concessão da liberdade de ensino religioso.

Foi a voz de uma senhora que se atreveu a formular o justo protesto. Foi a voz de D. Vitória Pais, illustre professora, muito culta e de raciocínio claro, que com sólidos argumentos combateu essa decisão governamental. Em nome da criança, cujos sagrados interesses soube defender com galhardia, D. Vitória Pais fez a apologia da educação racional, combatendo o ensino religioso que deforma os cérebros dos infantis.

Só criaturas fanáticas, estruturalmente intolerantes se atrevem a meter à força nos cérebros inexperientes e ingénuos ideias políticas e religiosas que eles não podem compreender.

Uma criança papagueia uma oração sem lhe apreender o sentido. Só um adulto tem a faculdade de

conscientemente albergar na alma uma grande fé religiosa que pode ser errada, mas é sempre respeitável, quando sincera.

O educador, que o sabe ser, demonstra sempre um grande respeito pela consciência do aluno e pela sua mentalidade. Porisso não lhe fala senão de assuntos que estejam em harmonia com a sua restrita capacidade. Obrigar uma criança a seguir inconscientemente uma ideia política ou um credo religioso é um atentado repugnante que todas as pessoas de bem, principalmente os professores, devem evitar.

Bem andou D. Vitória Pais em expender as ideias suas a que fizemos menção, ali no Congresso Pedagógico, que é o sítio mais próprio para a discussão de tão transcendentes assuntos. Não o entenderam assim, alguns partidários do ensino religioso que, numa demonstração de intolerância, aliás frequente nas pessoas que seguem as doutrinas católicas, se ergueram em farto berreiro protestando contra as palavras daquela professora.

A sessão foi, como noutro lugar relatamos, interrompida devido à confusão que se estabeleceu, dando assim razão aos que são contra o ensino religioso, porque este é um foco de intolerâncias e de desinteligências entre os homens.

Por estas e por outras razões que muito espaço nos levariam se as enunciássemos agora, devem os professores de ensino livre e racional lançar-se numa campanha em favor da escola neutra que, servindo os interesses da criança, dignificaria a classe dos professores onde, infelizmente, ainda há pessoas que lêem pela cartilha antiquada do Santo Offício.

## Solidariedade à atitude de uma verdadeira educadora

A propósito do caso que comentamos no nosso editorial de hoje, recebemos do Grupo Anarquista «O Semeador» a seguinte declaração:

«Soubemos, por informações particulares, que se projectava ventilar no Congresso Pedagógico, na sessão de ontem, 9, o facto de o governo ter autorizado o ensino religioso nas escolas e particulares e que nessa sessão protestaria contra tal facto a professora Ex.ª Sr.ª D. Vitória Pais.

Tanto bastou para que este grupo se apresentasse no recinto, onde são realizadas as sessões, animado do espírito de solidariedade com tão corajosa como illustre professora, solidariedade que a sua fina psicologia de mulher superior, nos impunha pela sua grandeza moral.

Infelizmente foi iludida a nossa expectativa. A questão não foi levantada nessa sessão por se ter adiado para hoje. Com bastante desprazer não pudemos assistir; mas com maior e mais profundo desgosto tivemos conhecimento, superficial embora, do que se havia passado. A sessão de hoje, a serem verídicos, como cremos, os informes dos factos nela decorridos, foi vergonhosa pelo que demonstrou de apocamento mental de quem advogou o ensino religioso ministrado a crianças por aqueles que, em virtude da sua qualidade de professores educadores, deveriam estar neutros em matéria de religião.

O gesto do ex.ª sr.ª D. Vitória Pais é tão soberbo de coragem feminina, tão imponente como demonstração da sua elevada e culta mentalidade, que este grupo entende competir ao porta-voz da organização operária, o exortar todos os que sentem o momento que passa, os que compreendem a nobreza do protesto da proficiente educadora, a que, num impulso unânime e como protesto contra o reacçãoarismo, afirmem a sua solidariedade com a mesma senhora, rendendo a homenagem devida a quem tão desassombadamente defende os direitos da criança.

Por sua parte o «Semeador» desde já se põe ao lado da ex.ª sr.ª D. Vitória Pais, felicitando-a pela sua fidalga atitude e restando-lhe os seus mais sinceros e calorosos preitos.

Não deixemos morrer na indiferença tão sublimes provas de integridade de carácter e de coragem moral.

O grupo anarquista «O Semeador»

## Tumultos em Berlim por motivo da falta de trabalho

BERLIM.—Têm sido frequentes os conflitos provocados pela má organização dos escritórios oficiais de colocação, junto dos quais as mulheres desempregadas são forçadas a aguardar por longas horas em lugares sem a suficiente ventilação. A polícia interveio e logo veio de brutalidade, originando, com este processo de apaziguamento, tumultos irreprimíveis. Os operários desempregados têm-se manifestado indignadamente contra a maneira como procede a polícia, que não é a mais metódica para dar trabalho a 300.000 trabalhadores que deambulam em volta de Berlim.

Lê-se o Suplemento de «A Batalha»

## O PROCESSO SACCO-VANZETTI

### Em luta formidável com o capitalismo, o proletariado traz empenhada a justiça da sua causa

CHICAGO.—Nunca alimentámos a ilusão de que os trâmites legais, e mesmo o recurso interposto pela defesa, alguma coisa pudessem valer para a salvação dos desventurados Sacco e Vanzetti. Os plutocratas de Massachusetts anseiam pela inutilização de dois esforços militantes da classe operária.

No decurso do monstruoso processo, notámos o intento envenenado de perseguir e aniquilar, ainda que praticando friamente, com premeditação, um erro judicial. As várias fases do processo demonstram, com factos pormenores, a inocência dos dois operários italianos. A questão deixou de interessar restritamente os anarquistas e passou a preocupar a e alvoroçar todas as consciências. Numerosos intelectuais, em quasi todos os países, aos quais se não podem acusar de anarquismo, têm protestado contra a feroz sentença.

Acima de tudo isto, porém, está o ódio do capitalismo; está também a imensa campanha anti-guerrista de Sacco e Vanzetti. Ao mesmo tempo que vingava, o capitalismo norte-americano, todo-poderoso, dava uma satisfação ao clamor bárbaro da «vinda pública». Não sendo encontrados os autores do crime contra o cobrador de Brante, outros quaisquer teriam de ser imputados, não importando que sofressem dois inocentes.

O processo foi julgado; a opinião mundial protestou contra uma bárbara e iníqua situação; então, a situação continuamente se agravou, colocando-se em antagonismo belicoso duas grandes potências: a organização do proletariado e o capitalismo dominador.

A primeira destas potências insurgiu-se contra a monstruosidade da sentença, compreendeu que a burguesia norte-americana se empenhava na liquidação criminosa de dois inimigos seus, procurando, assim, dar golpe fundo no movimento operário.

Nesta luta ardorosa, ganhou a classe operária a primeira partida. Não é a magnanimidade dos juizes e dos veredictos, mas a agitação internacional desencadeada pelo proletariado, que se deve a vida dos dois militantes revolucionários. A plutocracia julgou-se orgulhosa e prepotente, não quiz arrostar as consequências prejudiciais para o seu comércio e para os seus diplomatas que, porventura, adviriam da execução de tão brutal sentença.

A burguesia não quer, ainda, declarar-se vencida, não considera esgotados os seus recursos. Dispõe-se a agir, ao fim de seis anos, quando tudo lhe indicava a mudança de rumo, a fim de se evitarem tempestades julgassem o seu momento.

É certo que o clamor de protesto da classe operária do mundo fez que a burguesia norte-americana hesitasse novamente, mas, ainda, não a lançou a uma completa desistência.

O esforço do proletariado tem de ser, agora, convergente para a libertação das duas vítimas, não cessando a campanha que com tanto ímpeto mantém. A campanha tem

## Se Inocêncio Camacho, abusando da sua autoridade de ministro das Finanças e governador do Banco de Portugal fez uma emissão fraudulenta de 25.000 contos, porque não teria pactuado com Alves dos Reis?

Voltamos hoje bem contra a nossa vontade, porque gostamos de bem tratar os nossos inimigos, a ocupar-nos dessa estranha fábrica de moeda falsa que dá pelo nome de Banco de Portugal.

O seu governador, o sr. Inocêncio Camacho, disse há dias que nos havia de processar tantas vezes quantas fossem necessárias para nos obrigar a fechar a porta. A pessoas que tanto carinho e amizade mostram ter pelo órgão dos trabalhadores não gostamos de contrariar. Somos os representantes dos roubados nas manobras fraudulentas das emissões secretas. Em nome desses roubados, e num excesso de tolerância, já dissemos ao sr. Inocêncio Camacho Rodrigues, sócio de várias empresas suspeitas, e repetimo-lo hoje: «Processen-nos!»

Mas antes de nos processar há de o sr. Inocêncio, a quem a inocência nada deve, ouvir-nos sempre que nos apetece falar dos seus actos de maravilhosas administração daquele dinheiro que representa o produto do labor do povo trabalhador português.

Um velho accionista do Banco de Portugal, comerciante muito antigo da rua dos Capelistas, declarou a alguém há poucos dias:

—Pelo Mota Gomes ponho as mãos no fogo. O Inocêncio Camacho, porém, é capaz de tudo.

É possível que o aludido comerciante esteja enganado no que respeita a Mota Gomes, vice-governador do Banco de Portugal, mas não o está, de certo, em relação ao sr. Inocêncio Camacho, governador do mesmo estabelecimento de crédito... desacreditado.

Vem A Batalha afirmando há longos meses, e provando, já com confissões de ministros no parlamento, já com revelações feitas por vários deputados, e até com a publicação de documentos confidentiais, que



Reprodução da nota de mil escudos «Visconde de Seabra» que Alves Reis juntou ao processo

o Banco de Portugal é useiro e vezeiro em emissões fraudulentas de notas. Lembrem-se os leitores de há tempos termos perguntado onde metera o Banco de Portugal as notas de 1.000 escudos que ha-

viam sido encomendadas à casa Waterlow por intermédio de Alves Reis? Ninguém nos respondeu. Toda a gente se calou. Os investigadores ouviram a nossa pergunta, mas, como a sua acção se cifrava na defesa do Banco de Portugal, nada investigaram. E nunca mais se falou nas notas de 1000 escudos.



Reprodução da nota de mil escudos «Visconde de Seabra» que Alves Reis juntou ao processo

Só quando os acusados do Angola e Metrópole foram pronunciados elas vieram à balha, porque Alves dos Reis apresentou então uns documentos que o sr. Francisco Menano considerou de «nenhuma impor-

tância» e que eram, nem mais, nem menos, os «fac-similes das notas que hoje reproduzimos».

E logo O Seulo inseriu na segunda página do seu número do dia seguinte as declarações de Alves dos Reis, uma notícia aparentemente inocente na qual se dizia que na casa Waterlow estavam sendo fabricadas algumas notas do Banco de Portugal, entre as quais, notas de mil escudos com o retrato do Visconde de Seabra.

Porque motivo houve tanta pressa em noticiar, logo a seguir às declarações de Alves dos Reis, que se estavam fabricando precisamente as mesmas notas na casa Waterlow?

Hemos de confessar que foi uma pressa comprometedor, porque ela revelou o propósito bem claro de deitar poeira nos olhos do público.

Mas aos investigadores estes factos não provocam a menor suspeita. Não houve o cuidado de investigar se Inocêncio Camacho teria na sua vida pública actos poucos honestos que o tornassem capaz de pactuar com Alves dos Reis na emissão das notas de 500 escudos «Visconde de Seabra», 1000 escudos «Visconde de Seabra», e 100 escudos «Marechal Saldanha».

Então um homem que se aproveita da sua dupla situação de ministro das Finanças e governador do Banco de Portugal para fazer uma emissão fraudulenta de 25.000 contos, não poderia fazer um contrato com Alves dos Reis para lançar nas colónias, em Angola, principalmente, onde o regime monetário era difícil, uma larga emissão secreta de notas de 500, 1000 e 1.000 escudos?

Porque não se averiguou das viagens de Mota Gomes a Paris? Porque não se esclareceram essas conferências que Inocêncio Camacho teve com Alves Reis? Porque não se procurou saber com clareza porque meio foi possível aos homens do Angola e Metrópole, obter as escalas cujo segredo Inocêncio Camacho guardava e, portanto, só ele poderia revelar?

Só quem não souber dos processos de que Inocêncio Camacho se tem servido para arranjar a vidinha, é de que de farmacêutico pobre trepou às alturas de homem rico, o tomará por inocente. Só quem ignorar a sua vida o julgará acima de toda a suspeita.

Pinto de Magalhães, o primeiro investigador, deitou-lhe a mão. Foi por aí um clamor, uma choradeira enorme. E nunca mais se suspeitou do Inocêncio — só suspeitava o público que o apontava a dedo.

Toda a gente viu a parcialidade com que Alves Ferreira dirigiu depois as investigações. Nunca mais se tocou no Banco de Portugal. Logo nos primeiros dias dos seus trabalhos de investigação, quando atribuiu ridiculamente a um plano internacional concebido em Moscúvia as notas falsas de 500 escudos, Alves Ferreira elevava o Banco de Portugal à coroa das nuvens, colocando-o acima de toda a suspeita.

E esse propósito de salvação do Inocêncio mantém-se ainda — apesar da opinião pública, baseada em revelações graves que têm vindo a lume, o apontar como o primeiro, o maior responsável, da emissão fraudulenta das notas com que quis roubar o povo.



Reprodução da nota de 100 escudos «Marechal Saldanha» que Alves Reis juntou ao processo

de ir até ao fim: libertar Sacco e Vanzetti. Se a classe operária conseguir levar a cabo de triunfo a sua campanha, terá vencido uma das mais formidáveis batalhas contra o capitalismo de todo o mundo.

O processo de Sacco e Vanzetti põe em causa a classe trabalhadora: pois necessariamente se torna que ela saiba defender com energia a justiça da sua causa.

### Trabalhadores do Tráfego

Em reunião de assembleia geral dos Trabalhadores do Tráfego, foi aprovada uma moção de protesto e resolvido enviar um officio ao ministro da América manifestando a sua indignação contra a confirmação da sentença que condenou à morte Sacco e Vanzetti.

### Rurais de Santo Aleixo

Os rurais de Santo Aleixo, reunidos em assembleia geral, resolveram enviar um officio ao ministro da América em Portugal protestando contra a condenação à morte de Sacco e Vanzetti e reclamando a sua imediata libertação.

### Uma iniciativa que merece apoio

Vai realizar-se um grande festival em favor dos filhos dos presos por questões sociais

Realizar-se-há no dia 5 de Setembro, próximo um grandioso passeio fluvial ao Porto Brandão, em benefício da criação da Colonia Infantil do S. V. e organizado pela comissão de socorro às crianças.

Esta comissão que pretende levar à prática uma obra de solidariedade efectiva e permanente, aos filhos dos presos da luta de classes em Portugal, apela para todo o proletariado, no sentido de que o mesmo secunde o seu trabalho a fim de poder prestar às pequenas vítimas da burguesia o seu carinhoso auxílio de classe, afastando-as do meio deletério em que vivem e accorrendo a este passivo, que serve a angustiar as famílias necessárias para esse cometido.

O passeio será feito a bordo das embarcações dos Catraeiros e Fragaletos, que se cedem gratuitamente para este fim, realizando-se o embarque às 7 horas da manhã, no Terreiro do Paço e regressando às 8 horas da tarde.

Na mata do pinhal, no Porto Brandão, terá lugar um pic-nic, seguido de provas desportivas terrestres e marítimas, especialmente dirigidas por uma comissão, bem como outras diversões que serão abrihantadas por dois grupos musicais (de corda e instrumental) que prestarão o seu concurso a esta obra.

## Notas & Comentários

Relinchou...

O Correio da Manhã não tolera que se pense de forma diversa à sua. A humanidade, segundo aquela folha, fez-se para ler e para admirar o Correio da Manhã...

Vem isto a propósito de insultar nos termos mais soezes o nosso colaborador dr. sr. Tomás da Fonseca, chamando-lhe, entre outras coisas, burro chapado.

Ignoramos quem seja o sr. Fernando Pizarro, director daquelle folha. Da sua mentalidade não conhecemos um único documento.

Porisso estranhámos a facilidade com que calunia a intelligencia dos que estão muito acima. Mas sempre foi atribuido da estupidéz e da ignorância insultar os que pelo seu trabalho e pela sua intelligencia se revelam.

Fernando Pizarro deve ser um quadrado visto que entrou a quatro... a quatro patas. Pois que continue relinchando...

### Uma telmosia injustificável

Várias comissões de proprietários de barbearias estiveram ontem na Câmara Municipal, pedindo autorização para os seus estabelecimentos funcionarem ao domingo e fecharem às segundas-feiras. Ora este assunto não é da competência da Câmara, nem se lhe dá assim repentinamente a solução que os senhores proprietários de sejam. Os empregados de barbearias veem, com muita razão, lutando por manter a regalia conquistada do descanso dominical, como já o gosa a maioria das classes trabalhadoras. Não faz sentido, que depois de se ter provado pelos factos que é possível e humano o descanso dominical, esses proprietários pretendam fazer voltar os seus empregados ao antigo regime de servidão e de injustiça.

mente dirigidas por uma comissão, bem como outras diversões que serão abrihantadas por dois grupos musicais (de corda e instrumental) que prestarão o seu concurso a esta obra.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Socorro Vermelho, rua dos Fanqueiros, 300-2.ª, todas as noites, e durante o dia, no livreiro das Escadinhas de Santa Justa, bem como em todas as células do S. V. ao preço de 5\$00 cada um.

## UM CRIME DO CAPITALISMO

### A ganância e a incúria da Sociedade Estoril causam morte horrorosa a uma criança

Foi o mau estado da ponte de Pedrouços, e nenhuma outra razão, que motivou o desastre fatal ao aprendiz Carlos Matos

A morte do aprendiz Carlos Matos obriga-nos a várias reflexões imbuídas de amargura e protesto. A Sociedade Estoril precipitou-se na defesa das suas responsabilidades; mas não nos convenceu. Falha-nos a competência técnica para apreciar as condições de segurança na linha eléctrica de Cascais; contudo, o nosso raciocínio não se detem nas considerações que oficialmente publica a Sociedade Estoril, seja como for, única responsável pelo emocionante desastre. Não hesitamos na acusação.

Pois, como se compreende que um menor de 12 anos possa ter, em lugar público, o mesmo critério dos srs. engenheiros acerca dos perigos de electrocução? Esse critério não deveria ser exigido, sequer, a um homem de 45 anos, que nunca fosse engenheiro nem accionista da Sociedade.

Numa instalação tão potente, de tamanho perigo de morte, os engenheiros e os directores da sociedade promotora são humanamente, tecnicamente, obrigados a prevenir todas as hipóteses, ainda as mais absurdas. Torna-se, pois, um verdadeiro crime a levandade, se não foi, antes, mesquinho espírito de ganância, o esquecimento dos engenheiros, dos directores e da competente fiscalização, em observar o estado de conservação e segurança das pontes sobre a linha, cuja maior parte se encontra em tal estado que é de recear a repetição de desastres.

Na ponte de Pedrouços, onde morreu o infeliz Carlos Matos, faltavam três tábuas, que não foram roubadas: desapareceram, apodrecidas pelo tempo. Também se não compreende como se não tivesse previsto — o que seria fácil — que, numa passagem pública, uma criança, e mesmo um inadver-

tido adulto, se não detivesse em posição perigosa.

Há o direito de se reclamar, já que a Sociedade Estoril só cuida de prever os seus lucros, que todas as medidas de segurança sejam tomadas. Porque razão técnica não foram renovadas e convenientemente defendidas as pontes de passagem sobre a linha? Eis uma pergunta que a precipitada nota da Sociedade Estoril não previu...

É falso que o menor Carlos Matos tivesse sido vítima de uma sua distração: foi antes vítima da incuria criminosa dos engenheiros da Sociedade Estoril.

Era a hora do jantar. O menor estava em companhia de um seu camarada de officina, também menor, cujo nome ignoramos, mas não devendo ser muito difícil apurar. As cancelas fecharam-se ao anúncio da passagem de um comboio. Ao mesmo tempo, soava o apito da fábrica próxima. O menor Carlos e o seu companheiro, porque não têm os proventos dos srs. directores da Estoril, viram prestes em desconto meio dia do seu salario. E decidiram saltar para a praia, na esperança de atingir de pressa a sua officina. Avançou primeiramente o menor Carlos Matos, que tropeçou nas três tábuas que não tinham sido roubadas e apoiou-se inconscientemente, por malfadado instinto de conservação, no cabo eléctrico, onde ficou logo preso — preso à morte que os engenheiros não souberam prever por não constituir possível lucro para a Sociedade.

O outro menor, atemorizado, procurou salvar o seu camarada, não o conseguindo. Apareceu um velhote, ainda robusto, que desapareceu rapidamente através desta dolorosa tragédia, que com grandes esforços conseguiu arrancar a pobre vítima do cabo eléctrico e levá-la para a praia, onde expirou.

De tudo isso se prova a incuria de engenheiros e a ganância de capitalistas. Comeu-se um crime odioso; e bem será que a Sociedade Estoril evite a prática de outros crimes, completando as suas medidas de segurança de forma a que não sejam possíveis mais roubos de tábuas nas pontes de passagem nem que um menor se sente sobre o cabo eléctrico sem o indispensável isolamento.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulada *El otro amor* de Federica Montseny. — Preço, 5\$0. — Pedidos à administração de A Batalha



DO QUE SE PASSA NO ESTRANGEIRO

# As ambições imperialistas da Polónia colocam o Oriente em imminente ameaça de guerra

## Não afrouxa a aguerrida oposição dos camponeses de Molinella à obrigatória filiação nos sindicatos fascistas

O marechal Pilsudski é o ditador da Polónia; ditador de uma nação convulsionada por um nacionalismo de vários matizes e sempre bulhento, por crises de trabalho que dá motivos a forte agitação, por um regime repressivo contra todas as ideias e atitudes adversárias; nação desorganizada pela sua gravíssima e insustentável situação económica-financeira.

E Pilsudski procura ganhar a confiança do interior com a inauguração de uma política cujo êxito seja relutante. Já se tornou vulgar e ineficiente esse expediente de se procurar em acontecimentos exteriores contentamento para as insatisfações do interior, mas não deixa de vir a propósito que se expõem os verdadeiros motivos que determinaram ao ditador a sua nova política exterior.

Pilsudski quer que se esqueça a razão do descontentamento que lava no país. E como tenha de mostrar porque andam tão mal as coisas do país e como atitudes bélicas poderão conseguir o prestígio e o progresso à nação polaca. Na órbita desta política, já os bancos anglo-americanos obtiveram metade das acções do Banco Emissor da Polónia, o que coloca o país nas unhas do capitalismo estrangeiro, ao qual não tardará a juntar-se o capitalismo nacional. Uma questão de negócios...

O maior perigo reside na política imperialista do ditador polaco. As campanhas contra a Rússia, Alemanha e Lituânia são aproveitadas pelo famoso marechal para levar a Polónia a um terreno de nacionalismo bélico. Com a ajuda de uma corrente nacionalista que exige a guerra, desejaria o marechal jogar, ainda que violentamente, o protesto que no país se tem levantado contra a sua política de repressão e ruína económica.

Na Polónia vive-se, pois, sob a expectativa de uma guerra com todas as suas consequências externas e internas; demonstrando-se que uma ditadura imperialista conduz inevitavelmente à guerra.

**A heroica resistência dos trabalhadores de Molinella**

Molinella vai ficar rememorada, por longo tempo, no martirólogo do operariado

### CARTA DO PORTO

## Até o sublime sentimento de maternidade é obliterado pela má organização social

PORTO, 10.—Cada dia que cai no vórtice da eternidade, mais se acentuam os sintomas tristíssimos da degenerescência moral a que a sociedade capitalista nos conduz. Os belos sentimentos de familiaridade que devem constituir o melhor atributo dos seres humanos, vão-se arrastando, lamentavelmente, pela pior das degradações.

Na escala zoológica o género humano vai descendo impulsionado pelas tremendas desigualdades que um desastroso sistema económico-social impõe, bestialmente, às populações desprotegidas.

Em Lisboa, como a Batalha tem evidenciado aos seus leitores, trafica-se com as crianças que nascem nos hospitais.

Aqui no Porto as mães, truncadas na sua afectividade maternal pelas brutalidades da miséria, oferecem os recém-nascidos a quem os quiser. Percorrem as redacções dos jornais e solicitam para que anunciem esta resolução, como um grande recurso para a grande mal—as pavorosas dificuldades da vida—de entregar o crioulo a quem o desejar. E as gazetas «condóidas» pela desgraça económica das pedintes que lhes ocasiona a desgraça moral, lá lhes fazem a vontade.

«Quem quer uma criança?» Isto saiu hoje, muito escarapachado, num matutino desta cidade. Maria Alves, que há pouco saiu do hospital e se encontra sem leite para amamentar a criança e sem dinheiro para lhe comprar, publica a sua intenção de despachar o nenoto para quem o apetece...

E pena não haver os célebres «complicados da Idade Média» as mães empobrecidas venderem os filhos como quem vende nas feiras uma linda estampa porquinal...

Infelizmente esta sociedade corrupta tem desenvolvido muitas Marias Alves, que oferecem os filhos como quem oferece o objecto mais insignificante deste mundo e sem qualquer valor de estimação. E quando não encontram quem lhes pegue, deixam-nas abandonadas a um canto, à beira dum qualquer portal, como quem deixa um gatinho por já não precisar de mais gatos em casa...

«Que significa isto? Que a sociedade capitalista-estatal, sendo uma megera, transforma também em megera, pela força das circunstâncias cruentas, o que há de mais sagrado na família humana—as mães, que são obrigadas pela turba pressa da miséria a separar-se dos entes que lhes haviam de ser queridos, mas que uma depressão de sentimentalidade materna originada pelos desolantes percursos de uma existência económica incerta, os torna indiferentes...

«Quem quer para si uma criança?»—eis a que se chegou, eis a miséria moral a que nos vai conduzindo a miséria política, económica e social com que nos brinda uma sociedade perversa...

Nos animais interiores, os tais chamados, pela escola anti-grega, irracionais, os filhos não se dão; as fêmeas lutam por elas até à idade própria de não precisarem do concurso da criadora. Nos animais superiores, eufemisticamente denominados racionais, o regime das relações sociais-económicas sob que vivem obriga-os a permitir que as mães se desfaçam dos filhos na ocasião mais própria que eles carecem do carinho, do con-

**TIVOLI** TELEFONE N. 5474 ÀS 21 HORAS

## Salammbô

Reconstituição cinematográfica da obra prima de FLAUBERT. Nove partes. Os principais papéis por JEANNE DE BALZAC e ROLLA NORMAN. Encenação de PIERRE MARODON.

### O ILHEU DAS PEROLAS

Film de aventuras em seis partes com MARY MAC LAREN

### Revista mundial

A'manhã: Matinée às 3 horas

## A liberdade de imprensa é um mito

«A Voz Pública» não voltará a publicar-se enquanto existir a censura

Da redacção de A Voz Pública recebemos um apelo à imprensa de todos os matizes que gostosamente publicamos a seguir:

Queríamos sem vergonha, sem más intenções, sem segundo sentido dizer da nossa justiça, defender as regalias regalias mas o lapis caprichoso mutila-nos o pensamento, como o garrote do algoz costuma deprimir a cabeça dos acusados, que nem sempre são os delinquentes.

Já sabemos que ainda não é permitido cada qual dizer com sinceridade o que sente.

Mas a vítima tem por dever reagir até que na garganta se lhe afogue o último suspiro.

O que, se passa, será acaso justamente determinado pelas condições políticas que antecederam, mas nem por isso deixam de sufocar-nos.

Da Polícia de Segurança Pública recebemos em 2 um comunicado a informarmos de que, por ordem de S. Ex.º o ministro da Guerra, o nosso jornal ficaria suspenso durante oito dias, isto é, que só em 10 do corrente lhe seria lícito tornar a publicar-se.

Não se invocam leis, nem artigos, nem alicances.

Por S. Ex.º temos toda aquela consideração e respeito que lhe são devidos pelo alto cargo que exerce, embora ele não resulte logicamente do livre exercício dos princípios que devem orientar os países que de facto sejam constitucionais.

Não nos permite, porém, o ânimo que nos submetamos a um regime de imprensa arbitrário e caprichoso.

Por isso aqui declaramos bem alto e bem sonante, para que toda a imprensa jornalística nos escute e o público nos compreenda, que o nosso jornal suspende com o número de hoje a sua publicação, não voltando mais a sair enquanto durarem estas condições condições em que o jornalismo português foi lançado.

Aos homens livres e liberais do nosso país, aos cultores da imprensa, aos intelectuais que estudam e pensam, a todos, por igual, endereçamos as nossas saudações e pedimos solidariedade, para que se ponha termo à actual situação deveras humilhante e deprimente para Portugal no conceito das Nações mais livres e mais adiantadas.

E até breve.

## Os vendedores de jornais

Da Associação dos Vendedores de Jornais recebemos uma circular na qual se protesta contra a forma como se está exercendo a censura, que atraz a saída dos jornais e prejudica grandemente a venda, afectando assim aquela laboriosa classe.

## A assembleia magna de jornalistas

Hoje, pelas 16,30 horas, que na sede do Sindicato dos Jornalistas da Imprensa, rua do Loreto, 13, 2.º, se realiza a reunião magna de jornalistas de Lisboa para tratar do seguinte: Prejuzos que a aplicação da nova lei de imprensa traz aos profissionais do jornalismo; inconvenientes da censura prévia e desvantagens da suspensão de jornais.

## Edições SPARTACUS

TEATRO AVENIDA HOJE E TODAS AS NOITES

## O FAMOSO

Dr. da Mula Ruça

Primoroso desempenho Orquestra Jazz-Band

## OS EFEITOS DO ALCOOLISMO

Em Ribas de Baixo, na freguesia de Fanhões, conselho de Loures, de onde são naturais, reside Guilherme Cortez, de 46 anos, e sua mulher Amelia da Conceição, de 48 anos, em companhia de quem vive há cerca de 7 anos, os quais trabalham como jornalistas numa fazenda, no mesmo lugar, pertencente a um primo do primeiro, um indivíduo de nome Sabino. O Guilherme quando se embriaga, tem por costume dar-lhe o vinho para maltratar a mulher. Ante-ontem à tarde, quando ambos se encontravam na referida fazenda, e o Guilherme já um tanto ebrio, houve entre os dois uma violenta discussão pelo facto da Amelia se recusar a ir buscar-lhe mais vinho. O Guilherme exasperado, pegou então numa espingarda caçadeira e desfechou-a contra a mulher indo a carga atingir esta no peito. Pensada na localidade, a Amelia foi ontem de manhã dali transportada num auto da Cruz Vermelha para Lisboa, dando entrada no Hospital de São José, em cujo Banco foi observada pelo cirurgião de serviço, dr. Augusto Lamas, recolhendo à enfermaria Ferraz de Macedo, depois de devidamente pensada.

## DESPORTOS

A travessia do Tejo

O nadador Fernando Amara Menezes, que ultimamente fez a travessia do Tejo entre o Barreiro e Almada, vai no próximo domingo tentar a travessia do Barreiro ao Dafundo. O percurso que é de 31 quilómetros inicia-se às 8 horas, sendo a chegada ao Dafundo entre as 11 e o meio dia.

Fernando Amaral Menezes é um desportista cheio de dificuldades, visto ser um operário sem colocação há 6 meses.

## 'A Batalha' na provincia e arredores

### Sines

#### Uma vila condenada ao abandono

SINES, 9. — Sines é uma terra que era digna de melhor sorte, mas devido ao esquecimento a que tem sido votada por parte de todos os que têm tido as rédeas da governança nas suas mãos, carece de todos os melhoramentos para a fazer linda e moderna. Com a sua linda baía coberta de pequenos barquinhos e muitas vezes com dois, três ou quatro vapores e vários barcos de cabotagem e muitos buques que aqui estacionam para a compra de peixe; apresenta um panorama surpreendente que delicia os olhos de quem tem a dita de a visitar.

Além disso Sines tem uma boa praia de banhos, rivalizando com as melhores do país. Tem uma pequena calheia que serve de ponto de embarque, mas deixa muito a desejar, devido ao estado de abandono em que se encontra e que causa grande prejuízo aos que têm a infelicidade de ser surpreendidos por algum vendaval.

Porém bastava que os poderes constituidos dedicassem um pouco da sua atenção para este cantinho, donde recebem algumas centenas de centos, de impostos de pescarias e de exportação para o estrangeiro de milhares de fardos de cortiça e seus derivados, para que esta terra fosse dotada de um belo porto de abrigo com uma doca que, acompanhada com o caminho de ferro que está em construção, levaria Sines à categoria de vila de primeira classe. Mas... infelizmente assim não acontece, e esta vila encontra-se quase esquecida por parte desses que de direito tinham a atender as justíssimas reclamações deste povo que as tem apresentado bem fundamentadas.

E' vergonhoso que Sines, nesta quadra em que é visitada por centenas de pessoas que aqui vêm veranejar, outros procurar alívios aos seus padecimentos nestes ricos banhos salinos, quer frios quer quentes e que são incontestavelmente de grande eficácia no reumatismo e outras doenças; é vergonhoso digo, que haja muitas semanas que se encontra completamente às escuras, sem iluminação de espécie alguma como se e tivéssemos numa simples terra afiana ou pequena aldeia sertejana.

São estes os melhoramentos que o povo de Sines alcançou com a mudança do regime e capricho do sr. governador civil de Lisboa, que em tudo tem mostrado desprezo às justas reclamações deste laborioso povo. Poderá alguém dizer-me a razão desta vergonhosa situação?

Porque é que, havendo uma iluminação regular, ainda que não fosse modelo, ela desapareceu completamente.

Será por ordens superiores para castigar o povo que teve a ousadia dum protesto ativo contra um atentado ao seu liberalismo?

Será para os que nos visitarem possam desqualificar os atractivos que aqui os traz e que Sines desmereça do conceito a que tem juz pelo que tem de bom?

Dizem-nos que não há ninguém que queira fazer esse serviço de iluminação pela repulsa que lhe merece o jogo de sapa com a cumplicidade do próprio governo. Oxalá que a comissão administrativa saiba e leve a bom termo a arrumação deste indispensável serviço, pondo de parte insinuações particulares para actos menos dignos, e tratem com amor e dedicação do que se lhes impõe como cidadãos conscientes e como sineses.

Finalmente se não é por qualquer dos motivos apontados, então damos um doce a quem nos disser a razão de vivermos de novo às escuras...

## CEIA

Epidemia de sarampo

CEIA, 9.—Grassa com grande intensidade de neste concelho a epidemia do sarampo, que tem feito um grande número de vítimas, especialmente nas freguesias do Sabugueiro e na desta vila.

Realizam-se nos próximos dias 14, 15 e 16 as festas da vila, que este ano prometem ter um grande brilhantismo.

Reuniu pela primeira vez a comissão municipal que suspendeu todas as obras e suprimiu dois lugares de fiscais.

## Paço de Arcos

Uma festa de beneficência

Como temos noticiado é no próximo sábado que se realiza a festa de beneficência no salão do Vitória Casino gentilmente cedido à comissão organizadora pelo seu arrendatário sr. Fernando Coelho Pereira.

No programa que está já organizado figuram os nomes consagrados de G. Walter, J. F. Mineiro, Oríge, Puccini, Carlo Curti, A. Sarti, etc., o que basta para prever o brilho que aquela festa vai ter.

E' o reporter fotográfico sr. Vasco Serra Ribeiro quem dirigirá o baile. Albino Forjaz de Sampaio, o conhecido autor de «Lisboa Trágica» e «Prosa Vil», fará a sua anunciada conferência «Palavras Cínicas».

Os bilhetes que restam podem ser adquiridos na Farmácia Serrão e Vitória Casino, em Paço de Arcos, e em Lisboa na Casa Damião, rua Garrett.—E.

## Cascais

O descalabro da vereação monárquica

CASCAIS, 10.—A Comissão Administrativa da Câmara Municipal convocou uma reunião de representantes das Juntas de Freguesia, dos Bombeiros, do Turismo e da Assistência, a fim de lhes pedir a sua colaboração na efectivação de vários melhoramentos uteis para o concelho.

Nessa reunião, o capitão Carvalho declarou que apenas encontrara em caixa a quantia de 30 contos. Esta declaração causou espanto, pois a Câmara Municipal monopoliadora das carnes e das águas tem tido nestes dois negócios uma boa fonte de receita.

A existência de tão pouco dinheiro só se justifica pela péssima administração feita pela vereação transaccionada, composta por monárquicos e reacçãoários e dirigida superiormente pelo cacique mór João António Gaspar.

A vereação monárquica nunca se incomodou com o bem estar dos municípios, limitando-se a sobrecarregá-los com o máximo dos impostos que, por lei, podia cobrar.

O negócio das carnes foi um escândalo, chegando a ser vergonhoso, visto ter-se comprado gado bravo, toureado na véspe-

## ALCOBAÇA

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...

## TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h.—Soirée às 9,15 h.

Ultimas récita da interessante bailarina espanhola

## Pilar Calvo

ESTREIA DAS ARTISTAS:

## The Golden Stars

## Mademoiselle Myria

Esplendidos e artísticos espectáculos

## Alcobaça

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...

## ALCOBAÇA

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...

## ALCOBAÇA

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...

## ALCOBAÇA

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...

## ALCOBAÇA

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...

## ALCOBAÇA

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...

## ALCOBAÇA

Uma professora modelar

ALCOBAÇA, 9.—O que se está passando na Escola Agrícola Feminina «Vieira Natividade» é deveras revoltante.

Nesta escola está como professora técnica a sr. D. Maria Amadora, que, no seu mister, tem dado provas de que não passa de amadora... e na questão técnica tem revelado a sua pericia, perseguindo constantemente as alunas.

As alunas que repudiam os seus gestos jesuíticos e inquisitoriais, são sobrecarregadas com serviços demasiados para suavisar duas alunas que são as suas preferidas e lhe oferecem ramos de flores e galinhas.

Esta devota do Santo ofício persegue constantemente as alunas, chegando a pô-las fora da aula, ameaçando-as de que nos próximos exames pagarão tudo.

Qual o motivo porque está, desde o Natal, uma aluna de castigo sem que até à data fosse levantado o suplicio?

Será por esta inocente criança não querer submeter-se ao ensino religioso?

Chamamos a atenção do sr. director dr. sr. Joaquim Natividade, pessoa que consideramos inteligente e circunspecta, a fim de meter na ordem esta devota senhora leitora da Epoca, e fazer-lhe sentir que as alunas e o pessoal do posto agrícola não estão dispostos de futuro a admitir arremetidas de pessoas menos educadas...



para que eu pense em zonhar... vos prometestes-me ser sincero...  
 —Nominó empalideceu ainda mais, baixou a cabeça e murmurou com voz trêmula, fraca, apaixonada:  
 —Amo-vos!... amo-vos loucamente!...  
 —Também eu, Nominó!... também eu vos amo! replicou solenemente Berta. Sim! amo-vos de todo o coração!... e não receio confessar-vos-lo.  
 —Oh! meus Deus!—exclamou Nominó caindo de joelhos diante de Berta. Vós amais-me, menina?... Acaso não será isto um sonho?... Vós amais-me?...  
 —Sim, amo-vos! e digo-o sem côr, porque vos julgo digno do meu amor, Nominó! Não é um sonho! Não, Nominó! Mas as nossas alegrias serão celestiais e não terrestres!... O nosso futuro neste mundo é bem triste... mas, no outro... naquele em que, segundo a crença de vossos avós, nós havemos de reviver em corpo e alma... o nosso futuro será brilhante... Não compreendeis o sentido das minhas palavras, Nominó! Levantai-vos... vinde sentar-vos aqui ao pé de mim, e escutai-mê... Deveis ficar conhecendo todos os meus pensamentos...  
 Nominó, entre a dúvida e a esperança, embriagado pela confissão da menina de Plouernel, desanimado, quasi assustado pelas suas últimas palavras, ergueu-se em silêncio, aproximou-se do banco e sentou-se ao pé de Berta, que prosseguiu:  
 —Quando vos vi pela primeira vez, era no meio dum temporal que ia despedaçar o nosso navio contra as costas da Holanda. A pesar-do perigo, eu conservava toda a minha serenidade de espirito, porque não creio na morte... Eu seguia com os olhos todas as vossas manobras, e muito me interessava por elas... admirava a vossa generosa abnegação, a vossa coragem, impressionava-me a vossa pouca idade; alguns momentos depois de salvardes o nosso navio, tinha eu occasião de apreciar o vosso carácter, a dignidade do vosso proceder, pela resposta que destes quando o abade, nosso companheiro de viagem, vos foi oferecer uma recompensa... Eu pensava então que vos não tornaria a ver, Nominó! e contudo sentia-me atormentar por ver ligada a vós pelos laços da gratidão... e desde este dia, tinheis um lugar reservado no meu coração.  
 —Ah!—respondeu Nominó com entusiasmo—partir também desse dia, não mais vos tornei a esquecer!... Como poderia eu olvidar esse momento em que, aproximando-me do vosso bergantim na escuridão de o salvar, vos vi á pópa nêle, vós, tão belamente serena, sorrindo á tempestade?... Fostes para mim uma visão deslumbrante! Ai de mim! quantas vezes me tem ella aparecido depois, nos meus sonhos!... Finalmente, quando, nêsse mesmo dia, li nos vossos olhos o desgosto que vos causava a humilhação pela qual me queriam fazer passar... logo adivinhei a bondade e a nobreza do vosso coração! E a vossa imagem, a vossa lembrança tornou-se ainda mais querida. Oh! amo-vos... com paixão delirante.  
 —Creio-vos, Nominó!... E porque não seria a impressão que sentistes tão viva como a que me causastes? Depois, nêsse dia terrivel, funesto, em que ferido por muitos tiros, quasi morrieis para me salvar a honra, nêss: dia me foi dado saber—coincidência singular e providencial!—que o meu salvador pertencia a essa mesma familia vassalla cuja legenda eu conhecia e eu só conseguí recuperar alguma tranquillidade quando o sr. Serdan, depois de nos ter fornecido o meio de deixarmos a Haia, me deu a esperança que as vossas feridas não seriam provavelmente mortais, e, em algumas frases vindas do intimo da alma fez de vós um elogio que me impressionou... Deixai-me agora jurar-vos, Nominó, que, se então eu não estivesse já alquebrada pelos primeiros sintomas duma grave doença que devia durar muito tempo; se eu não tivesse turvado o espirito, nem exaurido as forças por tantas e tão violentas commoções, eu não teria nessa noite, partido da Haia sem vos tornar a ver... sem vos ter dito tudo quanto me inspirava a vossa generosidade, em reconhecimento e admiração; mais estavam exaustos todos os recursos da minha alma...





## O Congresso Pedagógico decorreu ontem tumultuoso devido às corajosas afirmações de D. Vitória Pais contra o ensino religioso

Prosseguiram anteontem, pelas 16 horas, os trabalhos do Congresso Pedagógico, cujo relato só hoje, devido à falta de espaço, podemos publicar. O sr. Jaime Gouveia, secretário do sr. D. Vitória Pais, apresentou o relatório da comissão de organização, presidida por D. Alice da Conceição Santos Costa e os srs. José da Silva Mendes e Fernando Faria Abranches.

O sr. dr. Jaime Gouveia, dirigindo-se ao professorado português, disse que todas as crises que no nosso país há por solucionar devem resolvê-las pela modificação dos caracteres, os professores de Portugal, pois tudo quanto a Escola primária faz perdurará no critério e no carácter das crianças. Dependendo, pois, dos professores a resolução desse problema.

O orador fez depois o elogio do professor primário, concluindo por dizer que os nove mil professores de Portugal devem aperfeiçoar a sua organização, pois tem direito à representação no parlamento e podem possuir um jornal diário seu, onde exponham os seus direitos e as suas ideias, como outras classes menos numerosas fazem.

Leram-se em seguida telegramas de saudação ao Congresso, entrando-se no ordem do dia — discussão da tese «Trabalhos manuais na escola primária», do sr. professor Ernesto Coelho.

As conclusões desta tese são:

«A educação geral do indivíduo deve ser feita por intermédio dos trabalhos manuais, considerados estes como disciplina auxiliar de todas as outras.

«Os trabalhos manuais devem ser coordenados segundo as necessidades da aquisição de conhecimentos e sempre precedidos de desenhos e problemas de aritmética ou geometria.

«Promover exposições anuais, onde se possa estudar o caminho seguido na aquisição dos conhecimentos e registar, harmonizar, coordenar e exemplificar todo o trabalho, aumentando as experiências realizadas».

Discutiram esta tese os srs. Romeu Dias Serras, Gomes Belo, que apresentou uma moção propondo que os inspectores escolares realizem, às quintas-feiras, conferências e palestras sobre trabalhos manuais; Boavida, Canada, que propôs também uma alteração às conclusões citadas; Nunes Chaves, Rui Fernandes Martins, José Francisco Cabrita, António da Costa Oliveira, Francisco Rovisco, Rodrigo Freitas, Paulo de Abreu, Santos Carvalho, etc.

A discussão, entre os diversos oradores decorreu, por vezes, tumultuosamente.

O sr. Manuel Barroso disse não concordar, com os trabalhos manuais, dentro do programa escolar, pois não trazem vantagem alguma.

Deu-se novo tumulto, provocado por certas afirmações arrojadas do orador, a que o presidente pôz termo com a ameaça de que encerraria os trabalhos.

O sr. Manuel Barroso persistiu nas suas anteriores opiniões, travando-se discussão acra entre o orador e o sr. Faria Artur, finda a qual o orador retomou o fio do seu discurso, declarando que mantinha a sua opinião.

A sr. D. Lucinda Tavares insurgiu-se contra o que ouviu sobre trabalhos manuais. Combatu as ideias expostas pelo sr. Barroso, fazendo considerações sobre psicologia infantil e métodos de ensino.

O sr. Belmiro Xavier, embora seja um ignorante no que se refere a trabalhos manuais, segundo diz, reconhece-lhes utilidade. Quanto ao ensinamento desses trabalhos pelos inspectores, acha-o dispensável. O professor que compreende o seu dever aprende nos livros.

Ainda sobre o mesmo assunto, manifestando-se pró ou contra os trabalhos manuais, falaram os srs. Carlos Alberto, Canaia, Manuel da Silva e Pedro de Almeida.

O relator da tese, sr. Ernesto Coelho, defendeu, em seguida, a sua dissertação, respondendo aos oradores que criticaram o seu trabalho.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. Manuel da Silva Araújo tratou de vários casos, que reputa graves, passados no Instituto do Professorado Primário: propondo a nomeação de uma comissão para proceder a um inquérito à administração do referido estabelecimento.

A sr. D. Judite Parente, em nome da Liga de Acção Educativa, saudou o Congresso, dando-lhe a sua adesão.

A sr. D. Vitória Pais referiu-se à situação dos professores interinos, propondo que o Congresso se manifeste no sentido de se aumentar toda a protecção no desenvolvimento normal das crianças, reclamando dos poderes públicos que a lei das parturientes seja também extensiva às professoras interinas, pelo menos quando estas estejam providas em interinidade de anos. Foi aprovada por aclamação.

## Professores com atestado de repulbicanismo

Como se resolvera, na sessão da manhã, foi consagrada a sessão nocturna e última do Congresso à continuação da discussão da tese «A educação física na escola primária».

Presidiu o sr. professor Aníbal Pinheiro, secretariado pelas mesmas pessoas que tinham completado a mesa, pela manhã.

Entraram nessa discussão, primeiramente, na generalidade, os professores srs. Nuno Chaves, Canhão Júnior, Alves de Oliveira e Pedro de Almeida.

Passando-se à discussão da tese, na especialidade, por cada uma das suas conclusões, lidas pelo relator, foram aprovadas, algumas com alterações.

Sobre a conclusão geral, usaram da palavra os srs. José Francisco Cabrita e José Tenreiro.

O sr. Manuel da Silva passou em revista as observações feitas por cada congressista, individualmente, respondendo a todos.

O sr. professor Aníbal Pinheiro referiu-se, mais uma vez, aos trabalhos feitos no intuito de se intensificar a educação física. Depois da ordem da noite, falaram os srs. Rui Martins, Nuno Chaves, Alves de Oliveira, Pedro de Almeida e Filipe Portugal.

Hoje há reunião magna, em duas sessões, às 9 e às 21 horas.

## O funcionalismo público tem sido sistematicamente colocado à margem de todo o direito e de toda a justiça

Segundo uma nota política publicada nos jornais, «não obstante a resistência passiva de certos funcionários, a obra de regeneração iniciada pelo governo segue normalmente o seu curso». Esta notícia a que por demasiadamente lacónica e pouco expressiva muitos podem dar um sentido que ela não tem, decerto, convinha que fosse esclarecida e muito claramente, por quem de direito.

Poucas são as classes que por mais produtiva do que o seu esforço se torne, não tenham visto o seu trabalho apoucado e até mesmo achincalhado por uma legião de parasitas que, visando o malfadado dia de oito horas, de todos os factos se servem para levar a água ao seu moinho, no entanto, nenhuma como a do funcionalismo tem sido alvo de tão infame campanha; para eles, o funcionalismo é o mal; o funcionalismo é o cancro e o funcionalismo é a sanguessuga; e, caso interessante, nunca como agora alguém acusou o funcionalismo de fazer guerra passiva à obra de um ou outro governo e, de resto, bem sabem eles, que os governos muito bem poderiam ser aquilo que o funcionalismo quisesse que fossem, a questão era que ele se unisse e impoiesse.

Não sei que haverá de verdade nessa notícia, que, visando apenas uma escassa meia dúzia de indivíduos, pode muito bem ir atingir uma classe inteira, o que de forma alguma está certo; mas, tomando-a como boa, e que foi até mesmo fornecida pelo próprio governo, procuro: porque razão se não deu antes a público, uma vez que essa notícia cria o ódio sobre uma classe que, na maioria dos casos, é dum largo benefício para a humanidade, pois que, de maneira alguma, por funcionário se pode apelar, filiados neste ou naquele partido, para as secretarias do Estado foram atraídos, para que em vez dum subsídio se lhe de um ordenado, porque funcionários são todos aqueles que como serventários do Estado recebem um vencimento ou um ordenado, e nesse caso estão os professores, os ferroviários, os telegrafistas, os enfermeiros civis, etc.

Não seria melhor e mais simpático que ao público, que é, de resto, quem tudo paga, se indicasse o nome daqueles que abusando da sua posição de se servem para embaraçar tudo e tudo dificultar? Certamente que sim! Porque se não faz, pois? Não sabe acaso o público, por experiência própria, que por meras dificuldades burocráticas, naufragam por vezes as mais simpáticas e úteis iniciativas?

O próprio funcionalismo não ignora que no seu seio alguma coisa de misterioso se passa, pois a provável está a forma como certas entidades fazem desaparecer ou esquecer todas as suas reclamações, todos os seus alvites e todas as suas pretensões. E que reclama o funcionalismo, como profissional? A mais severa economia, pela supressão de todas as despesas consideradas supérfluas; a regulamentação da forma de admissão e promoção; por base o mínimo de categoria, tomando por base o mínimo de 60000 mensais; condições de aposentação; caixa de sobrevivência para evitar a miséria dos seus, etc., acabando-se assim com o favoritismo e arbitrariedades que até aqui têm sido muito comuns.

Devemos notar, que não é somente a burocracia civil que convém reduzir; devemos — no ser igualmente todos os serviços públicos. Nos serviços militares ou militares, os que ao país custam uma conta, segundo o senhor Vieira da Rocha, bastante elevada, muito haveria sem dúvida, que reduzir e cortar.

Abundam no exército, como se sabe, os oficiais de todas as armas e patentes, efectivos e milicianos que por aí passeiam ostentando a marcialidade do seu porte e os galões dos seus uniformes; há um número de médicos superiores, talvez, da média diária de doentes militares; há bandas de música que raro tocam em público; há, enfim, uma grande ostentação bélica que, para pouco servindo em tempo de paz, excepto agora é claro, que tendo de tomar conta das administrações de concelhos, câmaras municipais, etc. muito têm que fazer — de modo algum se coaduna com a situação financeira de um país tão deparado como Portugal, a pesar-de, graças a Deus, se ter já provado que ele dispõe de largos recursos.

O funcionalismo na sua maioria, não o ignoram os políticos e bem o sabe o contribuinte, de há muito que se esforça por demonstrar que a frase de António Maria da Silva «O país está a saque», tinha o seu quê de verdadeira, e mais ainda, que esse saque era devido à inconsciência com que se gastavam os dinheiros do país, da vida de esbanjamento que levavam os «arrivistas» de todas as categorias e procedências que tanto têm sugado as tetas do emagrecido tesouro público, do desmazelamento e incuria em que tudo andava e muito principalmente das fraudes e roubalheiras de toda ordem cometidas; mas no entanto, quem há aí que o tenha atendido ou sequer ouvido?

Que o País não tem estradas, nem meios de locomoção à altura do que merece e devia ter, grita-se de todos os pontos, mas a quem cabem as culpas desse desleixo: ao funcionalismo que se olha com desprezo e trata com desdém? Não! Pois ele, a pesar-de-lhe concederem um vencimento irrisório como se fosse uma esmola, tem apontado o mal e indicado os remédios. Porque o não escutam pois!

O funcionalismo tem reclamado. O funcionalismo tem solicitado e o funcionalismo tem chegado a impor-se: porque o não atenderam? Agora e talvez com meio justificativo de certas demoras ou hesitações, fala-se em resistência passiva. Porque se não apontam os nomes? Acaso se teme fazer perder o pão a algum servente ou engronhar algum contínuo ou misero terceiro oficial? Se é isso, fale-se claro e cada um que tome a responsabilidade dos seus actos.

Paulo EMILIO

## Comité da sede

Para assunto urgentíssimo e de grave responsabilidade reúne-se hoje, pelas 21 horas.

## UM PERIGO

## A Fábrica Nacional da Marinha Grande à mercê dum incompetente

## Os operários devem velar para evitar um atentado grave contra os seus interesses

Parafraseando o que dissemos no nosso último artigo, cremos estar dentro da lógica, pisando o terreno seguro da razão, quando dizíamos que o dr. Calazans, era um nulo, um indolente, que arrastava a sua solerte importância pelos casarões do palácio da Fábrica Nacional.

Que era tal qual uma sombra vaga e indefinida, errando por oficinas, em meros passeios, indiferente em completo, ao funcionamento de tudo aquilo.

Isto é axiomático, uma coisa que todos conhecem, e que por tanto, no sentido lato e natural do termo, quer dizer que o dr. Calazans só pensa na sua mensalidade.

Contudo se tivéssemos a pretensão de fazer um inquérito à vida da Fábrica Nacional, creia o dr. Calazans e tantos outros leprosos que o defendem, que os factos nimbados de anatismo são tão numerosos, que dariam matéria para um opusculo, que seria a todos os títulos interessante.

Temos à mão, tantos elementos, que muito embora o dr. Calazans considere este jornal indigno de ser lido por pessoas que se presam (sic) seria com facilidade, que o esfarfaparia, ao vergastar suas mimosas e clarinhas carnes!

Mas fiquese o dr. Calazans, com o seu riso alvar, com essa ironia insolente, com a prosápia desmedida da habilitação teórica, que eu irei falar, do alto desta tribuna tão livre, ao operariado da Nacional, que é bem mais digno da minha consideração, não falando, claro, naqueles inconscientes que, ao lerem o artigo, em que implicitamente os defendia, sintetizaram o seu reconhecimento, mimoseando-me com este adjectivo infame. — Canalha!

\*\*\*

E' exactamente aqueles que tão claramente manifestaram a sua estupidez, que eu quero falar, mas falar sem parti-pris, sem meios termos, sem rodeios ou eufemismos.

Fiquem porém scientes que não ataquemos o dr. Calazans para defender o sr. Moraes! O sr. Moraes, amigo pessoal, sabe de há muito que me norteia nestas questões esta máxima: dura lex sed lex.

E eu já mais me importaria com uma amizade pessoal quando se me impunha falar dum dado assunto.

Impunha-se-me agitar a verdade, urgia saber de que lado se encontrava o mal, e portanto o meu único caminho era este: — falar imparcialmente, nem que fosse contra meu próprio pai.

Assim fiz, e fiz muito bem, estando eu absolutamente convencido que no meu último artigo não há o mais pálido vislumbre dum frete.

Nunca faria um frete, e muito mais em situações especialíssimas como esta, em que se joga uma cartada decisiva, em que se derime uma contenda de vida ou morte.

Não o viam porém assim aqueles que têm o seu idolo, esse engenheiro que tão pernicioso tem sido à Fábrica.

E porque o não viam, relegaram miseravelmente os interesses do lar, para defenderem exclusivamente um homem.

Não os preocupou a estabilidade dos seus lares.

Não, porque isso é assunto secundário. O principal era adular, engraxar, rastejando vilmente em volta da pálida pessoa que dá pelo nome de Calazans Duarte.

Essa pessoa que um facultativo nos afirmou ter sido expulsa de África por incompetente, essa pessoa que escapou à prisão por ter sido manhosa, essa pessoa que sem ter quem a quisesse meter altos empunhos ao dr. António José de Almeida, para se anichar na Nacional, o que conseguiu afim de muitos pedidos.

Mas não supunham que me move animosidade contra o dr. Calazans, que manda a verdade, que eu diga, não ter até esta data tido para mim senão deferências e amabilidades, muito embora, na minha ausência me abandalhasse a todo o passo. Mas este defeito faz parte integrante do seu todo desmedidamente tolerante, enfatuado e teso como verga de aço. Não há aqui pessoa alguma, não faço defesas de homens, de factos ou manipulações.

Que fiquem duto uma vez para sempre: o meu artigo visou apenas defender os empregados da Nacional.

E me absolutamente indiferente o nome de Pedro ou Paulo. O meu interesse é fazer encolher as unhas aduncas a todos quantos pretendam fazer da Nacional coisa sua, negociando — o que é mais grave — com a miséria de todos aqueles que têm a infelicidade de estarem trabalhando de baixo das ordens de homens perniciosos.

E o operariado deve ter verificado isto, pois que este desejo ressaltava à vista dum maneira espantosa. Visei mais, é certo, o dr. Calazans. E devo dizer que apenas estou arrependido de o ter feito constatar que dentro da Nacional há meia dúzia de broncos, que têm em mais atenção a intangibilidade do seu idolo, que o bem-estar dos que lhes são caros! Neste momento grave não há que criar partidos.

Cada operário da Nacional deve capacitar-se de que é um elo dum máquina complicada. Ora, uma máquina quando não esteja afinada não poderá, necessariamente, funcionar. E o operariado devia, neste momento, manter-se bem unido pelos laços da afectividade, que irrompe da convivência oficial.

E que, quando está em perigo o pão dos nossos filhos, das crianças lindas que esmaltam de encanto a nossa vida atribulada, o único caminho é darmos-se os braços e os corações, ritmando sob o mesmo amplexo, caminhar para a frente em demanda dum bem-estar, tão justo como necessário. E os empregados da Nacional nada conseguiram de importância enquanto os preocuparam as discussões de «lana caprina».

E' absolutamente necessário que exteriorizem o seu descontentamento contra factos esporádicos que, a par e passo, se estão dando. E não será assim, desunidos, pu-

## VIDA SINDICAL

### COMUNICAÇÕES

**Operários Alfaiates.** — Tendo sido, no Conselho de Delegados da Câmara Sindical do Trabalho, reunido no dia 6 p. p., indigitados os representantes deste sindicato, os camaradas Alberto Monteiro e Ernesto Bonifácio, para os cargos de secretários geral e adjunto, respectivamente, da referida Câmara, para o que — caso estranho — foi requerida a votação nominal, foram estes camaradas — apenas regeitados — pelos representantes dos sindicatos Metalúrgico, Compositores Tipográficos e Manufactores de Calçado, o que os obrigou a declinarem os cargos para que foram eleitos por maioria; e isto porque não fazia sentido que antes de apresentarem quaisquer trabalhos, já não tivessem a unanimidade do Conselho;

A direcção do Sindicato dos Operários Alfaiates, reunida no dia 9 do corrente, conjuntamente, com o seu Conselho Fiscal, Mesa da Assembleia Geral, Comissão de Propaganda, delegados à Câmara Sindical do Trabalho e Comissão Organizadora da Federação da Indústria do Vestuário, resolvem manifestar o seu mais enérgico protesto contra os delegados dos sindicatos Metalúrgico, Compositores Tipográficos e Manufactores de Calçado, pela desconsideração manifestada aos representantes do Sindicato dos Alfaiates no referido Conselho da Câmara e declaram que não levam o seu protesto ao ponto de abandonarem a organização central, simplesmente pelo facto de o sindicato que representam ter sido mais considerado do que se operária, do que muitos daqueles que se factam de serem os seus principais defensores, e faz votos para que se não repitam acções como aquelas que sucederam no dito Conselho, onde há representantes de sindicatos que mais parecem delegados da União Anarquista Portuguesa do que dos organismos que para lá os enviam.

Aqueles delegados de sindicatos que no mesmo Conselho se solidarizaram com os representantes deste sindicato, as nossas mais elusivas saudações, especializando o delegado dos Manipuladores de Pão que, em sinal de protesto contra os delegados metalúrgicos, abandonou o cargo de secretário administrativo da Câmara; e resolvem mais aconselhar os seus delegados a não tomar conta dos cargos sem que os citados sindicatos se pronunciem sobre a razão das suas rejeições feitas, pelos seus delegados.

**Sindicato do Pessoal do Município.** — Realizou-se com bastante concorrência uma reunião de corpos gerentes e de militantes, tendo sido ventilada a necessidade de se criar um conselho administrativo em substituição das actuais comissões cujos membros se verificou não cumprirem os seus deveres.

Ficou eleito em princípio, desta forma, o conselho administrativo: secretário externo, Mariano Pereira; secretário administrativo, Hilário Parente; tesoureiro, José Matias Vilhena; secretário bibliotecário, Joaquim Salvador; secretário de solidariedade, João Lucas Nunes; secretário de melhoramentos, Manuel Roque Júnior; secretário de actas, Armando Joaquim Codea. Desceu-se também a ideia da criação dos comités sindicais por locais de trabalho.

**Federação Metalúrgica.** — Comissão Administrativa. — Reuniu a 9, apreciando entre a vária correspondência a comunicação de se ter reorganizado o S. U. Metalúrgico de Faro o que registou com satisfação, resolvendo prestar-lhe todo o apoio para que se mantenha e sirva de incentivo a outras localidades. Também resolveu fornecer expediente ao S. U. de Aljustrel, congratulando-se também pelos esforços expendidos pelos militantes daquela localidade pro-moção do seu baluarte sindical. Registou ainda uma credencial que lhe foi enviada pelo Sindicato de Crestuma.

Apreciando as resoluções a que chegou a reunião das Federações para apreciar o incidente da C. G. T., resolveu levar essas resoluções à sanção da próxima reunião do Conselho Federal. Por último occupou-se do pedido de demissão de alguns delegados do Conselho, sendo sobre o assunto apre-

xando mal, que poderão fazer entrar na ordem quem anda fora dela.

Era isto que eu desejava, como homem, como militante, como articulista, finalmente como vosso amigo que sou. Retalhe-me a alma ver-vos sofrer tanto, sem que façais ecoar, através do espaço, o vosso protesto forte e altivo. E' que é demais; o abuso já transpõe as raízes do inconcebível!

E quando verificarmos que havia alguém disposto a ajudá-lo, embora que fracamente, deviam formar uma comissão de inquérito, deviam, finalmente, agruparem-se para a defesa do seu pão, que tanto perigo corre. Vai-se a vontade de trabalhar quando se verifica um paradoxo tão extraordinário.

Dirão, porém, os operários verdadeiramente conscientes que não é coerente esta atitude. Porém, devem saber que nestas questões quando não vibra calorosa a indignação daqueles que defendemos pode estar-se sujeito à rasteira falsa e miseranda que irá empanar tudo quanto de belo tenha a nossa intuição.

O que eu não posso, nem nenhum operário da Nacional, é negar qualidades de trabalho ao sr. Moraes. Outro tanto não posso dizer do sr. Calazans, que se levanta ao meio dia, despresando os problemas mais importantes que à fábrica dizem respeito. Desafiamos quem quer que seja a desmentir-nos esta afirmação.

Contudo, cumpre aos empregados da Nacional verificarem em que parte se encontra o mal e cortarem-no pela raiz, para evitar o contágio. Isto é que devem fazer, e não dividir-se, provocando defeições que não mal resultado estão dando.

O mal está no engenheiro? Os operários não têm mais que seguir o exemplo do dr. Brito Camacho, passando-lhe a carta de incompetente. Está, pelo contrário, no sr. Moraes? Então só têm que pedir a sua imediata substituição. Nada mais simples, nada mais prático. Ponho, pois, ponto final na questão.

Alves de FREITAS

## Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Pregão 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de A Bata lha.

sentada pelo camarada Pratas de Sousa a seguinte moção que foi unanimemente aprovada:

«Considerando que a substituição dos delegados à C. S. T. de Lisboa, por deliberação do S. U. Metalúrgico em assembleia geral anteriormente realizada, deu motivos a que camaradas de valor e activos se afastassem dos cargos que exerciam não só no Sindicato e respectivas secções, como na Federação Metalúrgica, o que veio afectar este organismo;

Considerando que na última assembleia geral do mesmo Sindicato, foi resolvido chamar-se todos os camaradas que se afastaram, pelas razões acima expostas, notificando-lhe a sua confiança, como satisfação cabal não só de boa camaradagem, como de reconhecimento do seu concurso prestado e a prestar à organização sindical;

A comissão administrativa da Federação Metalúrgica, julga não haver razão forte das camaradas agravadas para se escusarem a continuar dando o seu esforço à organização, resolve:

1.ª Manifestar a sua absoluta concordância com a última resolução do Sindicato Metalúrgico de Lisboa no respeitante à moção votada em 27 de Julho, que solucionou as desinteligências e agravos de deliberações anteriores.

2.ª Convier todos os camaradas demissionários a regressarem no Conselho Federal e a comparecerem na próxima reunião do mesmo.

**Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.** — Reuniu ontem o conselho federal para apreciar as resoluções da reunião das federações. Fizera-se representação do Conselho Inter-federal, Compositores e Impressores Tipográficos, Encadernadores e Anexos e Liga das Artes Gráficas de Santarém. Foram lidos dois officios do Conselho Inter-federal.

Depois de apreciado o conflito latente na C. G. T. e os trabalhos da reunião de Federações de Indústria foram aprovados os seus pontos de vista, e reconduzidos os delegados à CGT, mas tendo Carlos José de Sousa recusado a sua recondução foi no meado em seu lugar António Monteiro.

Por último foi aprovado o seguinte documento:

«O Conselho Federal da Federação do Livro, do Jornal e Similares tendo apreciado as entrevistas que vêm sendo publicadas na imprensa burguesa, lamenta que militantes operários se sirvam deste meio para envolverem a organização nas suas questões pessoais.»

### CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

**Sindicato Metalúrgico.** — Secção de Belem. — Pelas 20 e meia horas, a comissão administrativa.

**Sindicato Mobiliário.** — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

**Federação Mobiliária.** — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

**Sindicato Metalúrgico.** — A'manhã, pelas 20 e meia horas, a assembleia geral, para continuação dos trabalhos pendentes.

**Pintores da Construção Naval.** — Domingo, pelas 14 horas, assembleia geral, assuntos de interesse para a classe.

**Pessoal dos Hospitais.** — Reúne no próximo sábado, pelas 21 horas, na sede do seu Sindicato, o pessoal dos hospitais civis, a fim de tratar das diferenças das subvenções ainda em dívida pelo Estado a algumas classes, de Janeiro de 1923 a Julho de 1924, eleição de corpos gerentes, organização sindical e outros assuntos de interesse colectivo, reunindo com qualquer número de socios.

**Refinadores de Açúcar.** — Pelas 21 horas, assembleia geral.

**Sindicato da Construção Civil.** — Conselho Técnico. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

**Impressores Tipográficos.** — Pelas 20 e meia horas, a direcção e o cobrador.

### JUVENTUDES SINDICALISTAS

DIAS PROXIMOS:

**Núcleo de Lisboa.** — Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o secretariado central.

## Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

### Subsídios

Por motivos já anteriormente apontados e porque prosseguem alguns julgamentos com avultadas despesas de assistência jurídica, o Secretariado comunica aos interessados que continuam suspensos os subsídios a presos, deportados e perseguidos.

## Empregados no Comércio

### Caixa de Instrução e Previdência

Foi bem acolhida pela classe dos empregados no Comércio e Indústria a constituição dum caixa de previdência, tendo-se inscrito já na sede deste novo organismo, largo de S. Domingos, 11, J. 2.ª alguns elementos de valor, os quais se acham empenhados na rápida execução deste empreendimento deveras altruista, sendo os objectivos desta caixa dedicar a sua acção ao desenvolvimento mental e profissional dos seus associados, abrindo cursos primários, comerciais e de línguas e auxiliando todos os empregados no Comércio, sejam de que categoria forem, na doença, desemprego, prestando também auxílio às famílias dos seus associados para a ajuda do custeio de funeral, etc., etc.

## Como se fabricam cadastros

Referimos há tempo a prisão de vários operários no Rossio e a sua incommunicabilidade na esquadra do Caminho Novo, sob a acusação de terem planeado um atentado contra o sr. Ferreira do Amaral.

Provou-se que a acusação carecia de fundamento, pelo que os detidos foram postos em liberdade. Sábado transacto voltaram a ser presos alguns dos que tinham estado no Caminho Novo: os operários Eduardo Alves, Manuel Leal e Leonel da Cruz.

Aqui têm os leitores como a polícia fabrica cadastros detendo indivíduos depois de ter sido forçada a reconhecer a sua inocência.